

JOSÉ BUENO CONTE

GEÓGRAFO, REALIDADE

E

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS (*)

ABSTRACT

The author presents fundamental considerations about the concept of Geography today as well as about the work field not only of Geography teachers but also specifically of "geographers"

RESUMO:

O Autor apresenta considerações fundamentais sobre o conceito de Geografia hoje, bem como sobre o campo de trabalho não só de professores de Geografia, mas também especificamente de geógrafos.

(*) Conferência pronunciada nesta Faculdade, dia 23/09/82, aqui transcrita sem revisão do autor, docente da USP.

Hoje é dia muito apropriado para se falar de Geografia, já que é, exatamente, o dia do equinócio de Primavera, 23 de setembro, e como a cinco minutos de hoje ocorreu este fato astronômico, aparentemente, um acontecimento banal, ele que pode servir de motivação para iniciar as nossas reflexões, a respeito do que vem a ser a nossa ciência, já que é a ciência do globo terrestre e o que vem a ser ciência "strictu sensu". Evidentemente, em torno disso eu não precisarei me estender muito porque o conferencista que me antecedeu, se aprofundou bastante nesse ponto e deve ter sido questionado e o assunto, certamente, tratado com bastante amplitude, mas creio que se pode acrescentar mais alguma coisa.

Evidentemente, a ciência se originou e vem se desenvolvendo, graças à curiosidade humana. O homem foi um indagador da natureza desde que ele se deu conta de que precisava sobreviver, portanto desde que ele existe. No início, começou investigando sem nenhuma base teórica. Era um conhecimento meramente empírico e correspondeu à fase pré-científica e, afinal, isso evoluiu, é claro. Não vamos nos estender sobre isso, especificamente. E a ciência ganhou corpo e hoje nós admitimos como um conceito de ciência, entre outros, um campo de conhecimentos organizados, sistematizados e coerentes. A Geografia, evidentemente, considera-se uma fatia da ciência e este assunto vem sendo motivo de preocupação dos próprios geógrafos, desde que ela adquiriu esse status de disciplina científica. É indiscutivelmente uma ciência. Qual é o objeto de estudo da Geografia? Qual é a finali

dade principal da Geografia? Comecei a minha exposição aqui lembrando o fato astronômico do equinócio que ocorre duas vezes por ano, exatamente, nos meses de março e setembro e depois ocorrem os solstícios (de dezembro e junho) que são os momentos precisos, astronomicamente determinados. Até aí é a ciência da astronomia que deve apresentar soluções e interpretar os fatos, explicar, por exemplo, a gravitação universal, etc..

Mas quando considera somente o nosso planeta, o astrônomo sai de cena e vai entrar em cena, então, outro cientista que somos nós, os geógrafos. O geógrafo observa o globo e passa a analisá-lo, e ele, então, se torna o senhor daquele campo científico, procurando esgotar a interpretação do que ele está podendo observar, catalogar, organizar e estabelecer princípios. Então, o geógrafo é o cientista por excelência, do globo terrestre e, evidentemente, da superfície do globo terrestre. Agora, é claro que existe uma porção de possibilidades de se conceituar o que vem a ser o campo de estudo da Geografia, mas todas elas acabam desembocando nesse ponto de convergência que é o estudo do espaço terrestre. Reduzido à sua expressão mais simples, o conceito de Geografia acaba sendo o estudo da disposição dos fatos físicos e humanos no espaço terrestre, entendido no seu sentido dinâmico e portanto, evolutivo.

No passado, apresentava-se como sendo a descrição da terra, segundo a própria etimologia do termo "geografia". Evidentemente, ao mesmo tempo em que se faz a descrição da terra, também se está fazendo geo--

grafia mas, obviamente, se eu me detiver-
nessa etapa, eu estarei numa fase que é -
ainda de armazenamento de informações. O
geógrafo não está fazendo ainda, propria-
mente, a ciência geográfica; ele está rea-
lizando uma coletânea de dados e informa-
ções que vão constituir a matéria-prima -
para, depois, ser trabalhada de forma ci-
entífica pelo geógrafo, na sua plenitude.

Então, a geografia, historicamente, na
sua evolução, só pôde começar a se tornar
uma ciência adulta quando passou a exis-
tir um acervo de informações, suficiente-
mente grande, sobre a superfície da Terra.
Mesmo sem recapitular toda a história do-
conhecimento da Terra, podemos lembrar --
quando sugeriram os primeiros geógrafos que
se transformariam depois em clássicos do-
pensamento geográfico moderno, e eu cita-
ria o nome de Humboldt e, em seguida o de
Ritter. É que nos séculos XVIII e XIX, a
geografia começou a ganhar maioria por-
que esses estudiosos, e outros além destes,
foram, (sobretudo Humboldt) viajantes que
deixaram uma quantidade muito grande de -
relatos sobre os seus itinerários através
do globo. Mas foi a partir desses estudio-
sos que esses relatos começaram a ser or-
ganizados de forma sistemática, coerente-
e com fundamentação teórica.

Humboldt preocupou-se, sobretudo, com-
a observação da natureza, com os fatos do
quadro natural e, por isso mesmo, ele é -
considerado uma espécie de iniciador da -
Geografia Física. Assim como Ritter é ad-
mitido como sendo um dos fundadores do --
que viria a se constituir depois na Geo--
grafia Humana, a Antropogeografia. Na rea-

lidade, nós não devemos nos preocupar muito com essa separação entre esses dois setores a que eu estou me referindo, porque isto, é muito mais força de expressão, uma abstração que se faz, é uma divisão artificial, porque a Geografia é um campo --- científico que tem unidade, constituindo um único conjunto, com uma só metodologia e com um só campo de estudo. Essa divisão é meramente acadêmica e meramente uma especulação. Na realidade, não se pode enfatizar muito essa divergência, essa dicotomia, porque isso seria a negação da própria Geografia.

A Geografia, notem bem, (e nesse ponto nós temos que conservar essa individualidade), é o único setor de ciência que é, - ao mesmo tempo, ciência do homem e ciência da natureza. Não existe nenhuma outra! E todas as outras etiquetas científicas - que nós conhecemos, ou são ciências do homem ou são ciências da natureza. Existem as ciências exatas, biológicas, etc., mas a Geografia é a única que, ao mesmo tempo, é do homem e é da natureza. Isso, porém, não significa que a Geografia seja uma -- ciência enciclopédica, ou que o geógrafo seja uma espécie de cientista pretencioso que pretende abranger, absolutamente, tudo; na realidade, não é o que acontece. É apenas aparente esta posição meio universalista do geógrafo. Na realidade, ele -- tem um objeto específico que é o estudo - do espaço terrestre, mas um estudo conduzido de forma a ser fundamentado em postulados teóricos.

Por isso é mesmo que se pode conceituar a Geografia, também, como sendo a ciência

cia das paisagens, entendidas as paisagens como o complexo que constitui a fisionomia da superfície da Terra. Mas a paisagem que é, aparentemente, um arranjo caótico de -- elementos onde entre o elemento vivo, e o elemento meramente físico, ou seja, o mundo biótico e o mundo abiótico. Na realidade, a paisagem é apenas a expressão de tendências de forças subjacentes, as quais deverão explicar a organização dos fatos. -- Exatamente, tais elementos, que não podem ser vistos mas que se expressam através -- dos elementos da paisagem, é que devem constituir o campo de investigação do geógrafo, essa espécie de campo de forças que atuam -- ocultamente e que explicam depois o que se exterioriza através da paisagem terrestre.

Então, existe um corpo de teorias que -- pretendem sustentar essas explicações e -- muitas delas poderiam ser trazidas aqui. -- Por exemplo, a teoria de von Thünen sobre a distribuição dos fatos agrários no espaço, que já data do início do século XIX. -- Foi formulada, portanto, há mais de um século e até hoje é estudada e serve como diretriz para inúmeros estudos de Geografia Agrária. Passando para fatos muito mais recentes, a Teoria de Ehrstaller sobre as -- localidades centrais, apresentada na década de 30. A Teoria dos Grafos que tem uma fundamentação matemática para a explicação dos Sistemas de Transportes e das redes -- viárias dos centros urbanos, a forma como se distribuem e, muitas outras, sem falar nas teorias específicas de Geografia Física, sobre a evolução do relevo como, por -- exemplo a de Davis e várias outras, todas conduzem à explicação e ao entendimento da

distribuição dos fatos do espaço terrestre e esses fatos são, ao mesmo tempo, naturais e resultantes da ação do homem. A Geografia é, portanto, a ciência que se preocupa com esses dois domínios, mas se preocupa, fundamentalmente, com a projeção da ação desses dois campos de força no arranjo espacial. E é por isso mesmo que já houve quem sugerisse que nós rebatizássemos a Geografia com outro nome e o nome seria Espaçoologia. Termo que não teve muito sucesso, sendo preferível manter a palavra já convencional.

Na realidade, a preocupação espacial é básica, e deve ser a indagação central do geógrafo em todas as escalas, desde a global até a local. O geógrafo deve ser o técnico, por excelência, do espaço terrestre, e ele deve ser convocado cada vez que se pretenda intervir no referido espaço; e ele deve estar apto a dar a sua contribuição cada vez que se reúne um grupo inter-disciplinar para estudar uma forma de melhor equacionar e distribuir adequadamente os fatos no sentido mais amplo, seja o espaço agrário, ou seja o espaço urbano ou seja um espaço natural ainda não tocado pelo homem.

É claro que as paisagens constituem um todo que forma uma região, mas o conceito de região tem sido muito discutido também por nós, os geógrafos. Pode-se considerar a região, inclusive, no sentido abstrato, em várias conotações e por isso mesmo pode-se também conceituar a Geografia como sendo o estudo das diferenciações regionais, porque se uma região é uma somatória de paisagens, as terras emersas do --

globo constituem uma somatória de regiões, e estas regiões são diferenciadas e o estudo da diferenciação das mesmas deve ser a preocupação do geógrafo. Outra forma também de se definir o objetivo do geógrafo seria, por exemplo, "a descrição racional do espaço terrestre, ou a descrição fundamentada em princípios científicos do espaço terrestre".

Toda ciência se inicia através da observação e se desdobra através das outras etapas, da organização, da catalogação, da formulação de leis e é por isso mesmo que o homem foi, antes de mais nada, um geógrafo, porque ele precisava conhecer o seu meio para poder sobreviver, pois é daí que retira tudo que é fundamental para sua subsistência. Então ele foi, antes de ser o que quer que seja, um observador do meio e procurou logo de início, entender as relações de reciprocidade que existem entre a sua atuação e o meio onde vive. É por isso mesmo que um geógrafo francês, Maurice Lannou definiu a Geografia como sendo "a ciência do homem habitante".

Esse tipo de preocupação sempre esteve presente, desde os homens das cavernas até o homem de hoje, do final do século XX. Atualmente, ele está armado de técnica e do poderio que esta lhe confere, mas o que o homem hoje realiza, o homem enquanto agrupamento humano, é o mesmo que sempre se fez, ou seja, a exploração do meio, a fim de encontrar recursos para sobreviver e para tanto é preciso que ele conheça o meio onde está, razão pela qual precisa ter mentalidade geográfica, logo de partida.

Hoje, evidentemente, a Terra pode ser conhecida e analisada através de recursos -- técnicos muito aprimorados, à nossa disposição: temos as imagens-satélites que nos fornecem a visão de todo um hemisfério, em vários momentos, no mesmo dia! Dispomos desse material que é um extraordinário campo de análise para o geógrafo, e tem sido intensamente explorado e utilizado como meio de conhecimento cada vez mais aprofundado do nosso próprio mundo. Mas o importante é que o geógrafo seja uma espécie de técnico do espaço, conheça como ele é organizado e possa ter a capacidade de intervir nessa organização, conheça a sua escala de intervenção e essa escala deve ser encarada do ponto de vista espacial e do ponto de vista temporal. É preciso que ele entenda o funcionamento do espaço, porque espaço não é uma realidade estática, mas é um todo dinâmico, um todo em permanente transformação.

Daí a proposta também, de alguns termos para transmitir a idéia de que o espaço é uma coisa viva e em funcionamento. Usa-se, por exemplo, hoje em dia, cada vez com mais freqüência entre os geógrafos, o termo --- "geossistema", para designar determinados conjuntos da superfície da Terra, onde se reconhece certa unidade de estrutura e de dinamismo. O estudo, hoje, do quadro natural da Geografia Física fundamenta-se nessa idéia do geossistema, sem desprezar a -- participação do homem. É importante sempre assinalar e enfatizar que o homem está presente nesse conjunto e que ele faz parte integrante do que nós chamamos de geossistema.

Há muito tempo atrás, os biólogos criaram a idéia do ecossistema e lançaram o termo em circulação. Os biólogos, evidentemente, preocupados com o estudo dos seres vivos, perceberam o encadeamento e as relações de dependência que existem entre todos os seres vivos e descobriram que -- existe uma espécie de cadeia trófica (o termo que eles adotaram) para designar essa dependência, essa relação de vínculos entre os seres vivos. Por exemplo, o ser carnívoro depende do herbívoro porque se alimenta dele; o herbívoro, por sua vez, depende da cobertura vegetal que é o seu recurso alimentar, e a cobertura vegetal é o único elemento capaz de realizar a fotossíntese, a transformação de energia do sol em matéria, depois nutritiva, para o ser vivo herbívoro, depois o carnívoro e assim por diante. Estabelece-se uma estreita relação de dependência. Mas tudo isso sobre uma base física que deve estar em situação permanente de equilíbrio. Quando esse equilíbrio é de alguma forma perturbado, há uma distorção nesse circuito de energia presente no ecossistema e a natureza precisa realizar um esforço muito -- muito grande para que se restabeleça esse equilíbrio.

O termo "ecossistema" que é, fundamentalmente, um termo vinculado à Biologia, teve logo grande sucesso de divulgação e hoje é utilizado largamente, inclusive -- por pessoas que, muitas vezes, não têm suficiente preparação para entender o que significa. Ele expressa, por assim dizer, uma postura filosófica perante o quadro natural. Fala-se em linguagem jornalísti-

ca, no ecossistema Amazônico, no ecossistema do Pantanal, mas muitas vezes o jornalista que escreveu o texto, ele próprio não sabe, exatamente, o que se entende por ecossistema amazônico, ou por ecossistema do Pantanal, mas acha que é um termo assim, "em voga" e que vai causar um bom efeito. Então, utiliza-o. Isso mostra muito bem o risco que significa, às vezes, a vulgarização de certos termos científicos. Para nós, geógrafos, é um pouco desabonador afirmar que lançamos o termo "geossistema", mas sem o mesmo sucesso que o termo lançado pelos biólogos.

O vocábulo "geossistema", apesar de ser muito bom, muito bem concebido, na realidade, tem pouca circulação até mesmo entre nós, geógrafos! Então é preciso que investiguemos o porquê dessa situação, quase de inferioridade em relação aos biólogos. É preciso que façamos um esforço no sentido de enfatizar o nosso objetivo e a nossa metodologia de trabalho. Só o geógrafo tem aptidão suficiente para estudar o espaço terrestre, por isso deve estar abastecido de conhecimentos que o capacitem a realizar esse trabalho que é muito importante.

Contudo, a Geografia não pode ser considerada como uma espécie de ciência de convergência. Assim como ela não é uma ciência enciclopédica, porque não pretende abranger todo o universo do conhecimento, ela também não pode ser, simplesmente, entendida como sendo uma espécie de aglutinação das ciências físicas, humanas e biológicas. Ela se utiliza de todos esses setores do conhecimento, mas ela os manipula dentro da sua própria metodologia que é o estudo, repito,

da organização do espaço "lato sensu". Entre nós, a Geografia começou a ser, como - todo mundo sabe, ensinada em nível superior, a partir da década de 1930, mais precisamente em 1934, com a instalação do Departamento de Geografia da Universidade de -- São Paulo.

Poucos anos depois começaram a ser lançados no mundo chamado intelectual, os bacharéis e os licenciados em Geografia, a - partir do final da década de 30. Logo em - seguida criou-se o Curso de Geografia na - Universidade do Brasil, na época no Rio de Janeiro, e em seguida passaram a se multiplicar tais cursos que preparam geógrafos - e professores que vão divulgar os conhecimentos geográficos.

O Ensino Superior Brasileiro, por consequente, há mais de 40 anos, começou a fornecer elementos qualificados para que se - formassem os primeiros quadros de geógrafos. No início da década de 40, com a estruturação do IBGE, que fora fundado em - 1937, a Geografia foi bastante prestigiada. O dia 29 de maio, (fundação do IBGE) é assinalado no nosso calendário como sendo o - "Dia do Geógrafo", e a partir de agora que a nossa profissão é regulamentada, nós deveríamos valorizar esta data que sempre -- passa esquecida e já existe oficialmente, - há muito tempo.

Então, a partir das décadas de 40 e 50, os primeiros quadros de geógrafos começaram a se constituir, sobretudo, vinculados a essa organização ligada ao Governo Federal. Nesta época ainda não existia a profissão reconhecida em lei. Isso só viria - acontecer muito tempo depois. Mas, já havia

naquela época, o geógrafo atuando como elemento da administração, em equipes interdisciplinares que ofereciam trabalhos ligados à organização do espaço brasileiro. Os geógrafos já existiam "de fato", embora sem existir "de direito"! Mas já nesse tempo começou a surgir a preocupação de regulamentar a profissão do geógrafo e, segundo a investigação que eu fiz, o primeiro a lançar essa idéia foi o geógrafo Jorge Zarur, durante a realização do 10º Congresso Brasileiro de Geografia, em 1944, no Rio de Janeiro. Nesse encontro, foi a idéia lançada por esse geógrafo que insistiu, que usou da palavra por muito tempo e que enfatizou a necessidade de se tomar medidas, de se iniciar uma campanha para que os Geógrafos viessem a ter sua profissão regulamentada! Ele, evidentemente, não sabia que essa campanha se estenderia por tanto tempo, porque só 34 anos depois é que isso se tornaria realidade; a história é muito longa, portanto.

O primeiro Projeto de Lei foi de autoria do Deputado, já falecido, Menezes Cortes, em 1962. Eu não tenho aqui todos os detalhes das idas e vindas, dos avanços e recuos que marcaram essa luta prolongada para se chegar, ao final, à obtenção da Lei. Mas esse deputado, se não me engano, faleceu num acidente de avião e a Lei ficou arquivada! Logo em seguida, outro parlamentar assumiu a autoria de novo Projeto de Lei, e o mesmo tramitou no ano de 63, chegou até a ser despachado pelo Poder Executivo; quando ocorreu a Revolução de 64, que derrubou o Governo Goulart, o andamento do projeto foi novamente inter-

rompido! Já estava no Ministério do Trabalho recebendo pareceres, quando ocorreu a mudança de organização institucional e política, e a Lei dos geógrafos foi atingida pelos acontecimentos, entrando a tramitação novamente em compasso de espera.

Em 1968, o Deputado Edevaldo Pinto apresentou, novamente, um Projeto de Lei ao Legislativo Federal, para regulamentar a profissão de geógrafo. Esse projeto de 68 teve uma tramitação muito longa e acabou recebendo parecer contrário em 1976, na Comissão de Minas e Energias, onde foi considerado não jurídico, ou melhor com falhas de ordem jurídica e sendo novamente arquivado. Isto, na altura de 1975. Mas aí, subitamente, através de um esforço feito pelos geógrafos que estavam já organizados para fazer seguir em frente sua regulamentação, o Projeto voltou à tramitação no Legislativo, recebeu emendas, e, finalmente, foi aprovado e sancionado pelo Poder Executivo atual, o Presidente João Figueiredo, em junho de 1979. Foi uma grande vitória dos geógrafos. Conforme dispunha o texto da Lei, que todos conhecem, exigia-se uma regulamentação no prazo de um ano; essa regulamentação saiu em setembro do ano passado e está em plena vigência.

A Lei define as atribuições profissionais do geógrafo e como já é um fato público, exigiu que dentro de 365 dias, os geógrafos em exercício obtivessem a sua carteira profissional junto ao CREA. A maioria já providenciou a documentação nesse sentido, pois esse prazo já expirou, inclusive, para os que estão em exercício

nas funções de geógrafos, embora todos os demais que obtenham o diploma ou que já tenham obtido o diploma no passado, continuam legalmente habilitados a entrar a qualquer momento com o pedido de obtenção de registro no CREA. E hoje, esse registro é obrigatório para todos os que vão assinar trabalhos e projetos, nos quais exista a contribuição do geógrafo, porque o papel do mesmo que, inicialmente, como eu disse, limitou-se ao IBGE, nas décadas de 40 e 50, a partir da década de 60 ampliou-se, notavelmente, e passou a ser atividade comum em órgãos estaduais. Em São Paulo, por exemplo, começou, exatamente, na década de 60. Foi quando eu fui convidado, recém-formado, para trabalhar como geógrafo no Instituto Geográfico e Geológico. Depois disso, os quadros foram ampliados com a criação da Secretaria do Planejamento. Foram estabelecidas divisões de Geografia na Administração Pública e criou-se o Instituto de Geografia, na Universidade de São Paulo em 1963, por iniciativa do Prof. Aroldo de Azevedo. Seus quadros não têm sido ampliados nos últimos anos por problemas administrativos, mas poderão vir a ser a qualquer momento, o mesmo ocorrendo com empresas de pesquisas, que hoje contratam o trabalho do geógrafo profissional.

A existência de uma organização profissional dos geógrafos que hoje está corporificada no CREA, junto com os engenheiros, agrônomos e arquitetos, significa, inegavelmente, uma forma de prestigiar a nossa profissão, porque deverá ser constituído, oportunamente, um Conselho de geógrafos no âmbito do Conselho do CREA e as escolas que formam

profissionais geógrafos (e esta é uma delas), terão direito à representação nesse Colegiado, ou seja, no Conselho do CREA.- Até o momento nenhuma se fez representar, mas o Departamento de Geografia da USP já oficiou ao CREA solicitando instruções sobre quais as providências que deverão ser tomadas para se cumprir essa determinação; as demais escolas que formam geógrafos também terão participação no Conselho Administrativo do CREA.

Espera-se agora que, pouco a pouco, sejam corrigidas certas distorções que, temos de reconhecer, ainda existem. Por exemplo, encontramos geógrafos que, na realidade, realizam trabalhos de cartógrafos; são mapeadores ou então, interpretadores de fotografias aéreas, técnicos em aerofotogrametria; isto significa, sem dúvida, uma atividade muito próxima, porque o geógrafo deve ter conhecimento de técnica em aerofotogrametria, mas não se limita a ser um mapeador, um observador dos fatos que a fotografia aérea mostra. Ele deve ser um técnico do assunto.

Freqüentemente, também, ele é convocado apenas para ser um elaborador de gráficos e cartogramas, sendo mais ou menos confundido com o que seria um cartógrafo, que é um profissional afim do geógrafo, mas não é um geógrafo e nós temos que estar atentos para as atribuições que a Lei reconhece para o geógrafo, para constatarmos que a sua atuação é muito mais ampla, indo muito além disso.

Já se fez um levantamento das atividades que os geógrafos estão realizando pelo Brasil afora, e se constatou que exis-

tem algumas categorias independentes do que dispõe a Lei. Verificou-se que existe, por exemplo, aquilo que se classificou como o chamado "geógrafo expert" que, na realidade, é, muitas vezes, um professor universitário de grande competência no seu campo e que é convocado para dar pareceres, para ser consultor em trabalhos como organização do espaço, por exemplo. Para citar um nome, o Prof. Aziz Nacib Ab'Sáber, da USP, é um tipo de geógrafo que se enquadraria nessa categoria de "geógrafo expert", pois na realidade, ele, profissionalmente, não é um geógrafo, é um professor universitário, mas dada a sua grande experiência, ele atua -- como geógrafo eventual, como consultor em trabalho de assessoria.

Eu mencionei o nome do Prof. Aziz Nacib Ab'Sáber, mas existem muitos outros que -- também poderiam se incluir nessa categoria. Existe o geógrafo que alguns rotularam de "geógrafo polivalente", se bem que eu não aceitaria esse rótulo, porque é um termo um pouco desprestigiado na área do Magistério; seria o geógrafo que é, ao mesmo tempo, chamado para dar uma contribuição em trabalhos de Ecologia e de Planejamento Territorial, onde há um leque de possibilidades de contribuição.

Existe também, por outro lado o geógrafo especialista, como por exemplo, o geomorfólogo ou o climatólogo. E eu tive oportunidade de localizar, num certo momento, nos anúncios classificados da imprensa, um pedido, uma solicitação profissional de um geógrafo. Foi a única vez que eu encontrei! Era um anúncio de uma firma de Planejamento, publicado no "Estado de São Paulo", pe

dindo a contribuição de um geógrafo, com a oferta de um salário razoavelmente bom, na época. Isso já faz algum tempo. Mas havia uma condição: precisaria ser especializado em Geomorfologia. Então, os que se dedicavam à Geografia Humana já se sentiram excluídos daquele apelo profissional. Este seria o caso de geógrafo especializado que, inegavelmente, existe e é solicitado, pois reabre uma demanda de geógrafo dentro dessa especialidade.

O Projeto Radam, que hoje se ampliou para o Brasil todo, conta com a participação de um número grande de geógrafos, mas quase todos os profissionais geógrafos que ali estão atuando são do setor do quadro natural, sendo, portanto geomorfólogos, climatólogos ou biogeógrafos e são muito poucos os que se dedicam à Geografia Agrária. Existem alguns especializados em Geografia Econômica, em sentido amplo, que também são solicitados a trabalhar nas equipes do Radam, mas a maior parte deles pertence ao quadro natural. Então, é uma maneira de atuar profissionalmente como geógrafo, mas dentro desse setor de especialização e de setorização. E existem outras modalidades, como geógrafos consultores, na Secretaria do Planejamento do Governo de São Paulo e em outros órgãos também. A própria Prefeitura de São Paulo tem geógrafos em seus quadros, assim como a daqui de Sorocaba.

Bem, eu gostaria de encerrar essa minha apresentação para não me alongar muito; poderei esclarecer alguma dúvida que porventura, queiram expor.

Nossa profissão deverá ter uma evolução favorável nos anos que estão por vir, em -

função dessa revitalização que, inegavelmente, houve na Geografia. Vai depender -- agora de nós mesmos alimentarmos esses -- acontecimentos positivos, pois é através dos nossos próprios trabalhos e da nossa atuação profissional que deverá a situação se consolidar. Depende, portanto, exclusivamente, de nós mesmos para que o mundo científico e técnico sinta a necessidade da contribuição nossa que é, inegavelmente, fundamental. E acredito que nós tenhamos muita chance, uma abertura muito grande daqui para a frente, e me coloco à disposição, no caso de alguma pergunta.

D e b a t e s

1a. Pergunta - Você falou e acabou de --
descrever alguns tipos --
de geógrafos: experts, setorizados, consultores e outros. Mas acho que muitos --
aqui, inclusive eu, gostaríamos de saber --
melhor o que é um geógrafo, como você caracteriza o trabalho de um verdadeiro geógrafo ?

Resposta - Bem, existem duas maneiras --
de se responder a essa questão sobre o que vem a ser um geógrafo. Uma delas seria, simplesmente, consultar a --
Lei que define o que é um geógrafo. Mas, --
evidentemente, não é essa a resposta que ele gostaria que eu desse, porque isso já está definido no artigo 1º: "é considerado geógrafo o que for bacharel em Geografia". É um texto meramente legal. E o --
que se está suscitando aqui, no meu entender, é o perfil profissional do geógrafo.

Evidentemente, não é fácil de dar essa resposta, pois pode-se reconhecer vários setores em que o geógrafo atua e que, aparentemente, são muito distantes um do outro. -- Quando se fala, por exemplo, do geomorfólogo ou do climatólogo, um se preocupa com a atmosfera, outro com a litosfera e eu poderia agora aqui recapitular as várias esferas, a biosfera, a hidrosfera, a antroposfera e o conjunto de todas elas que constituiria a ecosfera. Aparentemente, são áreas de atuação afastadas umas das outras e o geógrafo deve estar presente em todas -- elas. Mas o geógrafo, no sentido estrito, -- a meu ver, é aquele que entende da distribuição e do arranjo dos fatos no espaço -- terrestre, e ele deve saber interpretá-los. Assim como um profissional em medicina, entende o que se passa no organismo, não só a mera descrição anatômica, mas todo o seu funcionamento, inclusive as manifestações patológicas. O geógrafo também deve ter essa mesma postura diante do espaço terrestre. Ele deve reconhecer, inclusive, o que nós podemos chamar de manifestações patológicas da organização do espaço. Nós podemos chamar a cobertura de tecido ecológico, assim como se considera o tecido no sentido biológico, a superfície, o campo de estudo do geógrafo. É também um tecido ecológico e esse tecido tem manifestações patológicas e o geógrafo deve identificá-las, -- imediatamente, e deve sugerir a forma de -- corrigí-los. Então o geógrafo, a meu ver, -- é uma espécie de médico da paisagem, se -- quiserem!

2a. Pergunta - Com respeito à regulamentação da profissão do geó

grafo, no Brasil, gostaria que nos informasse o seguinte: "Por que o registro da profissão está subordinado ao CREA e não à AGB? O CREA não estaria trabalhando no sentido de dificultar ao máximo a expedição do registro de geógrafo; E, terceiro, pelo que consta, poucos conseguirão obter o registro da profissão"!

Resposta - Bem, a primeira questão que é "Por que o geógrafo deve ser subordinado ao CREA e não à AGB? Bem, a AGB não é uma Associação Profissional, e o geógrafo não poderia ser filiado a ela. A AGB é uma Associação Cultural conforme está definido nos seus Estatutos e reúne, inclusive, estudantes no seu quadro social. Então o profissional deve ser registrado numa Associação Profissional e a AGB está, por definição, excluída desta possibilidade. O geógrafo deve ser registrado no CREA porque isto é uma exigência do artigo 5º da Lei que regulamentou a profissão. O referido artigo poderia dispor outra coisa; houve um projeto anterior a este, que propunha que os geógrafos se registrassem em Conselhos Regionais de Geografia os quais seriam criados para isso, mas não foi o que aconteceu e, independentemente da vontade dos geógrafos, o legislador introduziu uma mudança no texto e decidiu que deveria ser o CREA o órgão ao qual se filiariam os geógrafos, talvez porque o geólogo já é filiado ao CREA. Esse deve ter sido um dos motivos e também alegou-se na ocasião que há uma orientação no sentido de não se multiplicar as organizações profissionais. Então, manter-se-iam as atuais e as

profissões que vão surgindo vão se agregando. Mas não dependeu muito do geógrafo, dependeu do legislador e agora nós temos que cumprir a Lei, temos que nos filiar ao -- CREA! Evidentemente, podem ser propostas -- emendas a essa Lei e essa situação poderá vir a ser alterada mais tarde; poderão ser criados os Conselhos Nacionais e Regionais de Geógrafos, como se pretendeu originalmente. Sabia-se que isso ia ocorrer mas a comissão que estava acompanhando a tramitação da Lei achou mais prudente deixar que a Lei saísse dessa forma para, posteriormente, tentar uma mudança. Senão iríamos -- bloquear o andamento do Projeto. Então, provisoriamente, a situação ficou sendo esta. Um dos argumentos do legislador é que não-haveria número suficiente de profissionais no País, para se constituir um Conselho -- especializado em Geógrafos. É a medida que o número de geógrafos crescer, e já está -- crescendo com certa rapidez, então esse argumento deixará de existir e se poderá fazer uma emenda, para se criar, realmente, -- um Conselho de Geógrafos.

Sobre a segunda pergunta, "Se o CREA está dificultando a filiação do geógrafo?", é uma pergunta que eu não poderia responder, teria que ser alguém do CREA para esclarecer, mas acredito que se houvesse esse propósito, isso vai ser inócua, porque eles não terão nenhuma possibilidade de -- bloquear, já que o registro é assegurado -- por Lei. Então eles terão, simplesmente, -- que cumprir a Lei.

- "Eu acho, pelo que consta, poucos serão os que conseguirão obter!" --
Não. Todos conseguirão --

obter. Basta preencher as exigências da Lei, e a exigência é só que seja portador do diploma de bacharel. Não há nada que impeça o registro de geógrafo no CREA.

3a.Pergunta - Mas os que são portadores de licenciatura em Geografia estão, evidentemente, impossibilitados de obter o registro. Talvez tenha sido nesse sentido que a pergunta foi feita.

Resposta - Isso é realmente verdadeiro. Um número enorme de geógrafos são portadores do título de licenciado e agora se encontram numa situação difícil, tendo até que fazer uma adaptação no seu título. Deverá ser estudada uma solução. Fui informado, inclusive, que já está na mão de um Deputado, uma emenda a ser introduzida nessa Lei, no sentido de que o direito seja estendido também aos licenciados. Agora, na realidade, isso não constou nessa Lei que foi aprovada porque, pela nossa Legislação, o licenciado é aquele que se destina ao magistério. Então, obviamente, a Lei que disciplina um profissional geógrafo não pode explicitar que tem esse direito o licenciado também, porque o licenciado é, por definição, dirigido ao magistério.

4a.Pergunta - Quais as principais especializações que um formado em Geografia poderá cursar, para obter melhor campo de trabalho?

Resposta - Bem, eu acho que há um certo equilíbrio na demanda do trabalho do geógrafo, seja especializado em Geografia Humana, seja especializado em --

Geografia Física. Porém, para dar uma opinião pessoal, talvez pelo fato de eu ser um estudioso de Geografia Física e conhecer melhor esse setor, eu tenho sentido - que há uma procura, ligeiramente maior de especialistas do quadro natural do que -- dos setores da Geografia Humana. Eu dei - até um exemplo, há pouco, de um anúncio - solicitando um geógrafo para um trabalho de planejamento, mas com a condição que - ele fosse geomorfólogo. Os geógrafos que trabalham no Radam, de que há pouco falei, também são quase todos eles ligados ao -- quadro natural. Mas os geógrafos que trabalham no Instituto de Geografia da USP, - ao contrário desses exemplos que eu estou dando, são "experts" em Geografia Humana. De maneira que, na realidade, como eu afirmo no início, é difícil dizer qual o campo para o qual existe maior demanda. Há, - realmente, um equilíbrio. O importante é - que o profissional seja competente.

5a. Pergunta - As Escolas Superiores estão preparadas para fornecer as habilitações profissionais dos - mais variados campos da Geografia? Qual - seria a possibilidade daqueles que já concluíram o curso?

Resposta - Ah! Essa é uma pergunta bastante oportuna, porque levanta o problema do preparo profissional do geógrafo, algo mais profundo que meramente a titulação. Não se pode responder sem mais que todas as Escolas Superiores estão preparando de fato bons profissionais, competentes para exercer todas aquelas tarefas que se poderão exigir do geó-

grafo. Isto é uma coisa que deve ser, permanentemente, questionada e isto deve ser avaliado através do currículo que cada Escola oferece e do próprio desempenho desse currículo. Isto é um motivo, por exemplo, no caso do Departamento de Geografia da USP, de preocupação permanente, ou seja, averiguar se os conteúdos curriculares vão fornecer um preparo suficiente para que o futuro diplomado tenha, de fato, ferramentas técnicas e aptidão para, de fato, exercer a profissão. Deve-se reconhecer, com bastante franqueza, que não podemos responder, afirmativamente, a isso. Com toda a honestidade, existem lacunas que precisam ser corrigidas. Por exemplo, eu mencionaria o problema do estágio de treinamento numa empresa. Isso ainda não temos sistematizado no nosso Departamento de Geografia da USP. Além de outras lacunas e falhas -- que nós estamos tentando eliminar. Mas essa pergunta vem, realmente, exigir uma reflexão e uma espécie de auto-crítica de cada escola que prepara o profissional geógrafo. Agora, qual seria a possibilidade -- daqueles que já concluíram o curso? Realizar, talvez, um aprimoramento ou atualização profissional? No caso da USP, existem possibilidades de pós-graduação dirigidas à pesquisa. Fala-se com muita frequência -- de se organizar cursos de especialização, -- como já houve no passado, pois hoje existe uma demanda significativa de cursos de --- aprimoramento profissional que estariam no nível intermediário, entre o curso de graduação e o curso de pós-graduação para Mestrado e Doutorado. Estes últimos, na realidade, exigem um comprometimento muito gran

de, ao qual a maior parte dos que já estão no mercado de trabalho não tem condições - de atender. A realidade é realmente esta. - Então, dever-se-ia criar cursos que oferecessem mais do que o curso de graduação e - que não tivessem o mesmo nível de exigên--cia do Curso de Mestrado ou de Doutorado, - para que servissem de campo de treinamento àqueles que desejassem voltar à escola pa - ra uma reciclagem, para uma atualização -- dos seus conhecimentos. Isto é uma preocu - pação permanente também do Departamento de Geografia da USP, porém ainda não tornamos isso realidade, porque o corpo docente ain - da está muito mobilizado para os cursos de pós-graduação. O Departamento de Geografia da USP é o único em todo o Brasil que ofe - rece cursos de Doutorado. E talvez por es - sa razão não achamos ainda docentes que pu - dessem atender a esse tipo de demanda. Mas, realmente, é muito importante que se orga - nize isso.

6a. Pergunta - Qual a diferença entre - bacharel em Geografia e - licenciado em Geografia?

Resposta - O licenciado é aquele que se destina ao magistério e se - guiou um "currículo mínimo" definido para - Licenciatura em Geografia. Foi definido em 1962, através de uma Resolução do Conselho Federal de Educação e esse está em vigor - até hoje. Fala-se agora em se rever esse - currículo, mas ele ainda não foi mudado. O mesmo estabelece um elenco de disciplinas - às quais se acrescentam as disciplinas pe - dagógicas, a fim de compor um conjunto ao - qual se designou de licenciatura em Geogra

fia. Já o bacharel é uma figura que ainda não tem definição pelo Conselho Federal de Educação. Não existe currículo mínimo de bacharel em Geografia, como não há também para o bacharel de História, de Ciências Sociais, de Filosofia. Existem cursos de bacharelado que são oferecidos pelas diferentes Universidades, mas não há uma normalização desses cursos em escala nacional, como existe para o caso do licenciado. Então o currículo do bacharelado fica por conta de cada escola. Evidentemente, o bacharelado oferece o que eu chamaria de conteúdo especializado. São as matérias especificamente geográficas que compõem um curso de bacharel em Geografia. E é por isso que se pode, no caso da organização curricular da USP, por exemplo, completar o curso de bacharelado e encerrar aí a sua vida escolar. Recebe-se o diploma de bacharel em Geografia e está terminado. Ele pode requerer seu registro no CREA, mas não poderá exercer atividades de magistério. Para isso deverá fazer os cursos de licenciatura na Faculdade de Educação e aí, então, nessa segunda etapa, ele vai obter o diploma de licenciado. Portanto, a diferença essencial entre o bacharel e o licenciado é o problema do magistério ou de atividade não de magistério. O licenciado é o que se destina ao magistério e o bacharel é o que não se destina ao magistério.

7a. Pergunta - Onde entra o papel do geógrafo no futuro do homem?

Resposta - É uma pergunta bastante am-

pla. Mas eu disse aqui na minha exposição que a Geografia está presente na preocupação do homem de todos os tempos, fundamentalmente, no conhecimento das relações entre o grupo humano e o meio. A postura geográfica sempre existiu no ser humano, desde que ele se deu conta de que era habitante do planeta. Da mesma forma ela continua sendo uma disciplina fundamental para o futuro da humanidade. Evidentemente, será solicitada cada vez com mais vigor a participação e a contribuição do geógrafo, porque existe uma coisa que nem sempre se leva em conta: a de que a população do mundo está crescendo rapidamente e se estima que no final desse século seremos cerca de 6 bilhões, e os espaços disponíveis não aumentam nunca! São sempre os mesmos! Isso significa que a pressão demográfica vai se tornando cada vez mais forte e a busca de recursos cada vez mais intensa. Portanto os espaços que estão à nossa disposição devem ser utilizados cada vez com mais parcimônia e cada vez de forma mais inteligente, e é por isso que a participação do geógrafo, evidentemente, vai se tornar cada vez mais necessária, porque ele vai identificar a utilização deformada de certas áreas. Há certas situações a serem corrigidas. Por exemplo, fala-se há algum tempo do problema da deterioração da paisagem e da poluição, e o termo "ecologia" entrou em moda! Isto, na realidade, eu costumo afirmar correndo o risco de talvez não encontrar ninguém que me acompanhe, o que a Ecologia faz, a Geografia sempre fez e o geógrafo é um ecólogo por excelência, porque

é o conhecedor do meio no qual o homem está presente. Então não se admite que hoje-se insista no papel da Ecologia quando, na realidade, esse papel pertence a nós, geógrafos. Portanto, o estudo do meio, da organização racional dos fatos no espaço para que se obtenha dele o máximo rendimento com menor dano, isso deverá ser função específica do geógrafo, daqui para o futuro!

8a.Pergunta - Mas a Geografia não se --
preocupa mais em descre--
ver, em dizer como é e não como deve ser?

Resposta - Muito bem, eu acho procedente o que você falou, mas eu acho que nós, geógrafos, temos que fazer um esforço no sentido de que a longo prazo nós consigamos convencer os nossos estudiosos afins, da importância do nosso trabalho. Mas isso levará tempo ainda! O senhor tem razão, no momento.

9a.Pergunta - Quais são os Cursos de --
graduação ou de pós-gra--
duação que formam o geógrafo hoje, no Brasil?

Resposta - Bem, quais são os cursos de graduação?

Eu diria que são 78, se não-me engano, em funcionamento em todo o Brasil, porém eu não poderia discriminar todos eles. Quanto à pós-graduação, ela é -- realizada em dois níveis: Mestrado e Doutorado. No nível de doutorado só existe um, -- que é o da USP. Agora, no nível de Mestrado, eu sei da existência do próprio curso da USP, do curso do Rio de Janeiro, Rio -- Claro, Porto Alegre. Recife, talvez Bahia,

que oferecem cursos de pós-graduação em nivel de Mestrado.

10a.Pergunta - O que deveria ser providenciado para que esta - Faculdade pudesse formar geógrafos?

Resposta - Bom, formalmente, teria que-organizar o currículo de tal maneira que pudesse voltar a expedir os títulos de bacharéis em Geografia, como já - fez até 62 e depois, reforçar o conteúdo - curricular de forma que torne os que saí--rem habilitados a exercer a profissão e, - provavelmente, isso já foi conseguido. Te-mos até aqui presentes ex-alunos desta Fa-culdade, formados pelo currículo antigo co-mo bacharéis, atuando profissionalmente cõ-mo geógrafos.

11a.Pergunta - Os currículos atuais dos cursos de Geografia, re-almente, dão condições de formação de geó-grafos?

Resposta - Bem, se o colega quiser uma-opinião com bastante franqueza da minha parte, eu diria que não dão -- condições para a formação de geógrafos. Eu tenho defendido a tese de que é necessário organizar cursos exclusivos para a forma--ção de geógrafos, diferentes dos cursos -- que vão formar professores do segundo grau. E a meu ver, esta é a única forma de se -- pretender compor um elenco curricular e um rol de atividades, exigir treinamento, es-tágios, etc. que levem à formação integral do futuro geógrafo. Mas essa minha opinião, eu tenho que dizer, não tem sido a da maio-ria dos colegas. Por isso, não sei, prova-

velmente, o erro seja meu! Mas a maioria tem apresentado sugestões baseadas num -- único currículo ainda hipotético, como -- uma proposta satisfatória para que dali -- saísse ao mesmo tempo, o professor de segundo grau e o geógrafo. Como eu disse, a mim me parece que são duas atividades muito distintas, embora tenham canais comuns, obviamente, no sentido geográfico, mas eu acho que essa solução só será encontrada se nós estabelecermos currículos bastante distintos desde o início, desde o vestibular. Portanto, eu acho que os atuais, na realidade, não dão condições para a formação de geógrafo.

12a. Pergunta - Qual a possibilidade do licenciado completar -- seus estudos para tornar-se bacharel? Qual o tempo de duração?

Resposta - Eu acho que dependeria de -- cada caso. Dependeria de se estudar o histórico escolar que o licenciado tem, para se estudar uma forma de -- esse histórico escolar ser complementado de tal maneira que possa ser atribuído a esse interessado o título de bacharel. Essa é a informação que eu tenho. No Rio de Janeiro, existem muitos geógrafos em atuação no IBGE que estão enfrentando esse -- problema, para obter o registro no CREA. -- Não têm condições de obter, porque são -- portadores somente do título de licenciado. Tiverem que se reatricular no curso de Geografia da PUC do Rio, que se adaptou de tal forma, criando um curso com uma -- carga horária específica que eles poderão

concluir no prazo de um ano e, em seguida, obterão as condições de obtenção do título de bacharel. É um exemplo concreto que eu conheço.

---*---